

SARAU NO CAPS II: um relato de experiência

Tatiana Buchabqui Hoefelmann¹

tatihoef@gmail.com

Maria Fernanda Mendes Petry Ardigó²

psimariafernandampa@gmail.com

Secretaria Municipal de Saúde de Itajaí

INTRODUÇÃO. Com o acontecimento da Reforma Psiquiátrica, à luz da Luta Antimanicomial, a partir dos anos de 1970, passam a se estruturar no Brasil as bases do modelo de atenção psicossocial, o qual propõe redirecionar as ações em saúde e os serviços e agir sobre as determinações sociais do sofrimento, reconstituindo as relações da sociedade com a loucura. Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são serviços-chave dentro da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do Sistema Único de Saúde (SUS). Foram criados com o intuito de oferecer cuidado em saúde mental às pessoas com sofrimento mental grave ou persistente. De acordo com as referências técnicas para atuação de psicólogos(os) no CAPS (Conselho Federal de Psicologia, 2022), o CAPS apresenta uma ação psicossocial, em que o cuidado se dá no limite entre o individual e o coletivo, através de uma clínica ampliada. Essa clínica “[...] apresenta uma visão ampliada do processo de saúde e doença, considerado um fenômeno complexo, resultante da multiplicidade de fatores biológicos, sociais, afetivos, subjetivos e culturais” (Conselho Federal de Psicologia, 2022, p. 77). Compreende questões coletivas e políticas, em que os encontros não devem ser reduzidos a práticas padronizadas. Prevê o cuidado através de diferentes modalidades de atendimento, com destaque para a atuação com grupos e coletivos, entendendo o momento crítico do sofrimento como uma oportunidade de tomar consciência das condições adoecedoras, em busca de autonomia, consciência de si mesmo e autoconsciência (Almeida, 2023). Considerando como bases importantes para o trabalho em CAPS o conhecimento do desenvolvimento humano, desenvolvimento das funções psíquicas e o trabalho com grupos, tomamos como base a Psicologia Histórico-Cultural (PHC), desenvolvida por Lev Semenovitch Vygotsky e seus

¹ Psicóloga formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialista em Saúde Mental na Atenção Básica pelo Centro Educacional Novas Abordagens em Saúde Mental (CENAT), servidora pública no CAPS II do município de Itajaí.

² Psicóloga formada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) Especialista em Terapia Comunitária Integrativa pela Faculdade Evangélica do Meio Norte (FAEME) e Especialista em Avaliação Psicológica pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), servidora pública do CAPS II do município de Itajaí.

seguidores. De acordo com Schuhli e Martin (2022), a Vigotski interessava compreender como, por meio da atividade, o externo se transmuta em interno e que encontrou no uso das ferramentas culturais a origem das formas superiores de comportamento, sendo as funções psíquicas humanas “relações interiorizadas de ordem social”. O desenvolvimento estaria associado aos modos de relação do sujeito com o mundo, num processo mediado por outras pessoas e grupos humanos, necessário para a individuação e formação da personalidade. Citando Leontiev, os autores destacam a dependência entre atividade, consciência e personalidade, e que é possível perceber como a socialização e a inserção nos grupos humanos desenvolvem novas necessidades e estimulam a formação de novos motivos para a atividade. Nessa perspectiva, o outro não é um impeditivo à realização do indivíduo, mas uma condição à sua liberdade, a qual se dá coletivamente. A clínica da PHC objetiva o desenvolvimento de habilidades voltadas para a qualidade de vida, para relações mais saudáveis com os pares, para a compreensão da consciência de si e do mundo, entendendo como habilidade a flexibilidade, a capacidade de transitar da concretude para o mundo das emoções, de reconceitualizar as situações vividas, buscar novos interesses e motivos. Também entende a sensação de pertencimento como relevante para o desenvolvimento humano (Lima, 2023). De acordo com Schuhli e Martin (2022), no processo de transformação das práticas em saúde mental no Brasil, o trabalho com grupos está situado na disputa entre modelos de atenção, podendo ser utilizado como estratégia de desenvolvimento de autonomia e emancipação ou de conformismo e adaptação ao *status quo*. Na direção da clínica da atenção psicossocial, em oposição ao modelo biomédico, este trabalho conta a experiência de um projeto coletivo no CAPS II do Município de Itajaí-SC, o Sarau do CAPS II. Para refletir sobre o impacto dessa ação nos projetos terapêuticos singulares e institucional, utilizamos como base teórica também a PHC, buscando compreender os sujeitos de forma ampla e indicando a potência de produzir coletividade para o desenvolvimento de subjetividades individuais e coletivas, na intersecção de cuidado em saúde mental e arte. Aceitando a experiência como ponto de partida para aprendizagem, entendemos a construção deste relato de experiência como relevante mediante a possibilidade de impactar na atuação de outros profissionais, disparar reflexões sobre a prática profissional em psicologia e em CAPS e contribuir para a construção de novos conhecimentos.

MATERIAIS E MÉTODOS. Itajaí é uma cidade litorânea de 264 mil habitantes, sendo um dos maiores PIBs de Santa Catarina. A RAPS do município conta com um CAPS II, um CAPS AD e um CAPSi. O CAPS II de Itajaí tem uma equipe de 30 profissionais, entre eles:

psicólogo, assistente social, médico, psiquiatra, terapeuta ocupacional, enfermeiro, técnico de enfermagem, farmacêutica, motorista, atendente de unidade de saúde, auxiliar de limpeza, cozinheira, vigilante e gerente. O serviço oferta acolhimento diurno de segunda a sexta-feira, através de atendimentos individuais, atendimentos em grupo, oficinas, visitas domiciliares, interconsulta, ambiência, atenção à crise, projeto de economia solidária e geração de renda. Como parte do processo de trabalho, a equipe realiza diariamente reuniões de uma hora no período de troca de turno, com a intenção de realizar as trocas, repassar informações burocráticas, informes, realizar estudos de caso, estudos teóricos e construir projetos terapêuticos individuais e coletivos. A partir da conquista de um processo de supervisão clínico-institucional, que iniciou em 2022, a equipe pôde construir espaços para debates teóricos, planejamento e avaliação das atividades realizadas no equipamento. Com esse processo, novas ideias e possibilidades foram sendo visualizadas e implementadas; a que destacamos aqui é o Sarau Cultural, que nasceu de forma pouco pretensiosa e, por seu efeito, tornou-se uma extensão das práticas terapêuticas, agora sim de forma intencional, complementando intervenções clínicas de forma a favorecer a autonomia e a inclusão social dos usuários. O primeiro sarau cultural, realizado em terceiro turno (após às 18h) no mês de setembro de 2023, fez parte da programação em alusão à campanha nacional do Setembro Amarelo e ao tema da valorização da vida. Usuários e profissionais fizeram apresentações artísticas, como leitura de poesia, canto, dança e teatro. Ao perceber o impacto positivo deste novo formato de atividade coletiva, a equipe identificou, então, o potencial de produção de saúde ao abrir espaço e dar evidência aos desejos e à alegria num ambiente tão marcado por falas de doença e sofrimento. Com inspiração na proposta da clínica ampliada, elaborou-se o Projeto do Sarau Cultural do CAPS II, com o intuito de torná-lo um evento mensal, em terceiro turno, no espaço físico do serviço e aberto a toda comunidade. Os principais objetivos são transformar os espaços sociais da diferença e do diferente, valorizar a diversidade, reafirmar a cultura e a arte como estratégia de valor social, proporcionar momentos de troca, convivência, experimentação, suporte entre pares, diversão, produção de vida e de subjetividades, de significados e novos sentidos para o coletivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO. Os encontros começaram com a participação de cerca de 20, 30 pessoas, e a equipe se empenhou em incentivar os usuários a fazerem apresentações e a se envolverem mais ativamente na organização do evento, o que demandou a criação de estratégias para preencher o tempo das apresentações. Com o passar dos saraus, o público - composto por usuários, familiares, membros da comunidade e profissionais - cresceu

significativamente, alcançando 94 participantes (dos que puderam ser contabilizados) na edição de junho de 2024. Isso resultou em um maior envolvimento da equipe e dos usuários na organização e nas apresentações, além de estender o evento além do horário planejado, devido à grande participação dos presentes. Nos dias que antecedem os saraus, percebe-se que os usuários se dedicam a ensaios no ambiente preparado para o evento, trocam ideias sobre suas apresentações e ajudam na confecção da decoração através das oficinas terapêuticas já existentes. Nos dias do sarau propriamente dito, também passaram a ocorrer atividades voltadas para o cuidado e a beleza, em que usuários e trabalhadores com habilidades para tal ofertam serviços como corte de cabelo, penteado, sobrancelha, manicure e maquiagem, como forma de prestigiar ainda mais o evento. Uma feira de artesanato passou a ocorrer dentro do Sarau em que são expostos e comercializados produtos do Projeto de Economia Solidária e Geração e Renda. Essas atividades parecem facilitar a mediação entre os participantes, oferecer suporte social e promover mudanças nas situações que causam sofrimento, permitindo uma ressignificação positiva dessas experiências. O impacto do Sarau se percebeu, inclusive, com o aumento progressivo de trabalhadores e estagiários da equipe no dia do evento, o envolvimento das universidades locais e de representantes da gestão municipal. A proposta aqui relatada representa uma intervenção multifacetada, que vai além do âmbito terapêutico tradicional. Baseado em expressões artísticas, o Sarau do CAPS II de Itajaí oferece espaço para que os participantes explorem e compartilhem suas experiências de forma criativa, através de suas histórias, músicas, poemas, danças e obras de arte. Dessa forma, os participantes não apenas expressam suas identidades individuais, mas também constroem significados e sentidos coletivos. Esse processo de interação e colaboração possibilita que os sujeitos ampliem suas habilidades emocionais, sociais e artísticas. Além disso, promove o empoderamento, ao demonstrar que, apesar de ser desafiador, suas apresentações têm o poder de emocionar e impactar positivamente os que estão ao seu redor. Como explicitam Schuhli e Martin (2022), um dos desafios do trabalho com grupos em CAPS é o risco de as atividades se caracterizarem como (apenas) entretenimento. O Sarau, embora tenha se caracterizado como um ambiente alegre, eventualmente festivo, tem sido marcado como espaço de acolhimento e suporte para expressão de dores emocionais. A usuária A.I.T. participa desde o primeiro; de início, lia poesias de autores com as quais se identificava. Recentemente, comunicou à sua técnica de referência que apresentará um texto próprio que falará sobre a experiência da ideação suicida (sic). Segundo ela, seu objetivo é que o marido possa ouvi-la, assim como outros familiares presentes, e talvez compreender melhor como ela e outros usuários se sentem. A incompreensão da família sobre seu processo de tratamento é um dos

fatores sociais que a fragilizam, apesar dos avanços que vem apresentando. A usuária J.M. também é assídua no evento, fazendo apresentações de dança que alegram e contagiam o público ao ponto de fazê-lo subir ao palco para dançar com ela. Antes de cada apresentação, porém, ela compartilha aspectos de sua trajetória, questões que impactam de forma significativa sua subjetividade e que ainda são alvo do tratamento no CAPS. A riqueza de seu discurso está no fato de que consegue aproximar a plateia da vivência de sofrimento ao mesmo tempo que apresenta a dança como ferramenta terapêutica e de promoção de saúde. As apresentações, portanto, dão espaço ao contraditório: o desconforto da fala sobre o sofrimento e o alívio e a alegria da dança que se segue; a expressão da solidão do desejo pela própria morte e a apropriação do lugar de saber sobre si e sobre aqueles com quem se compartilha essa experiência, assim como a sensação de valor social quando se pode buscar agir sobre os determinantes sociais de (sua) saúde. A respeito do desafio que trata da inconstância dos grupos nos CAPS, Schuhli e Martin (2022) retomam a importância da repetição das necessidades para o seu desenvolvimento e complexificação. A potência do Sarau é inicialmente percebida pela equipe que, intencionalmente, transforma-o em ação sistemática e sustenta sua realização até que o envolvimento aumente progressivamente. Podemos percebê-lo através do número de participantes e da sua diversificação, mas também no próprio processo de compreensão da dinâmica da atividade em que as apresentações e a interação com o público presente se intensifica e se enriquece. A ampliação de atividades relacionadas ao Sarau nos sugerem o desenvolvimento em curso, como é o caso das oficinas de artesanato construindo a decoração, o preparo dos alimentos a serem servidos por parte de trabalhadores, estagiários e familiares, os ensaios das apresentações na oficina de teatro (coordenada por um usuário), o ensaio da quadrilha de festa junina no espaço da ambiência, a criação da oficina de cuidado pessoal e beleza, a construção (com os materiais disponíveis) de uma “barraca de poesias” realizada por trabalhadores e usuários, a preparação de produtos para a feira de artesanato. O envolvimento da equipe também é um interessante indicador desse processo, pois - afetada pela experiência do Sarau, que “nem parecia que estávamos lá trabalhando” (sic) - passou a desenvolver, como parte da rotina do trabalho, as atividades responsáveis pela realização do evento. Nas primeiras vezes, esse processo não ocorria de forma orgânica, e houve casos em que a equipe lembrou do evento apenas alguns dias antes de sua realização. Na relação dialética em que o sujeito afeta a realidade através de sua atividade e esta também o afeta, transformando-o, entendemos que - enquanto coletividade - a equipe complexifica suas necessidades, desenvolvendo-as e formando novos motivos para sua própria atividade, o cuidado ampliado através do Sarau. Avaliando o processo em reunião, a

equipe tem relatado sensação de maior entrosamento, pertença e satisfação, o que se reflete no aumento da participação espontânea dos trabalhadores nos últimos eventos. Relacionado ao que Schuhli e Martin (2022) apontam como um tensionamento do processo de trabalho que os grupos e a coletividade promovem, o qual - no modelo biomédico - tende à impessoalidade e a padronização de procedimentos -, percebemos o Sarau como ferramenta de humanização da equipe que, impactada pela experiência de estar entre si e com a comunidade num contexto tão afetivo, passa a desejar mais momentos como esse no processo de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS. Após sete edições, percebe-se o maior engajamento de usuários, familiares e comunidade, que reconhecem o Sarau do CAPS II como um espaço libertador, como vitrine para suas potencialidades, agora evidenciadas e valorizadas através das palmas, elogios e palavras de incentivo. Medos são desafiados e superados pelo reconhecimento; interações sociais acontecem por meio da arte e dos ensaios preparatórios dos artistas; objetivos de vida são (re)despertados e realizações pessoais alcançadas. Dessa forma, o foco da doença é deslocado, os sujeitos, grupos e coletivos são percebidos na sua integralidade e historicidade. Percebe-se o impacto positivo dessa atividade através das falas e das relações dentro do serviço: usuários relatam nos grupos terapêuticos seguintes a experiência vivida naquele espaço através de um sentimento de valorização e de pertencimento; também é possível observar esta troca no espaço de ambiência entre os usuários, que contam entre si como a experiência tem sido positiva, convidando novos usuários a participar. Compartilham em seu discurso a importância da participação de familiares e amigos, que passam a compreender a clínica ampliada no CAPS, o que também contribui para a quebra do estigma do tratamento de saúde mental. Esse relato de experiência é significativo, pois evidencia que atividades culturais podem perpassar o tratamento de saúde mental, promovendo um sentido de pertencimento e valorização. Também motiva profissionais a buscar novas formas de cuidado ampliado, ressaltando a essencialidade de abordagens integradoras e humanizadas, promovendo um ambiente acolhedor e inclusivo. Por fim, percebemos a pertinência de novos estudos e pesquisas sobre as práticas na atenção psicossocial como forma de fortalecer esse modelo de cuidado no processo de implementação da Reforma Psiquiátrica que segue em curso no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia histórico-cultural; centro de atenção psicossocial; saúde mental

AGRADECIMENTOS: Agradecemos aos usuários e seus familiares por compartilharem conosco momentos difíceis e, ao mesmo tempo, tão potentes de suas vidas. Agradecemos aos colegas de trabalho pela parceria, comprometimento e empenho na busca por um serviço público em saúde mental de qualidade e alinhado à Luta Antimanicomial, mesmo nos momentos mais desafiadores. Agradecemos, por fim, a nossa supervisora clínico-institucional, Dipaula Minotto da Silva, por nos incentivar a nos (re)apropriarmos da nossa profissão e nos arriscarmos a publicizar nossa prática.

Referências

ALMEIDA, M. R. **A gênese histórico-social da depressão e da bipolaridade.** In: CARVALHO, B. P.; BELLENZANI, R. **Psicologia Histórico-Cultural na Universidade (Volume II): saúde mental, sofrimento psíquico e psicopatologia** Campo Grande, MS Ed. UFMS 2023

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de Psicólogos(os) no CAPS - Centro de Atenção Psicossocial** - Edição Revisada. DF, 2022

LIMA, A.I.B **A clínica de Vigotski para o sujeito contemporâneo: de que psicologia estamos falando?** In: LIMA, A. I. B, NETO, J. S. O, CLARINDO, J. M. **Práxis na clínica Histórico-Cultural: por uma clínica da transformação e do desenvolvimento.** - A clínica de Vigotisky para o sujeito contemporâneo: de que psicologia estamos falando? Fortaleza. Expressão Gráfica e Editora, 2023

SCHULI, V.M; MARTINS, S.T.F. **Trabalho com grupos nos centros de atenção psicossocial: contribuições da psicologia histórico cultural e da psicologia social latino-americana.** In: CARVALHO, B. P.; BELLENZANI, R. **Psicologia Histórico-Cultural na Universidade: pesquisas implicadas.** Campo Grande, MS Ed. UFMS 2021